

Este Colóquio será o primeiro de uma série de encontros entre gastroenterologistas portugueses e espanhóis, que se destinam a fomentar o convívio académico dos profissionais dos 2 países que se interessam pelo mesmo assunto ou praticam a mesma técnica. Não são reuniões de divulgação mas sim reuniões para especialistas, destinadas a aperfeiçoamento pós-graduado a nível muito diferenciado. Por isso no primeiro dia se apresentam em pormenor as várias técnicas e seus resultados, e se reserva tempo para larga troca de impressões. No segundo dia pretende-se, através de apresentação e discussão de casos clínicos diversos, demonstrar as várias etapas do diagnóstico, o valor relativo das várias técnicas e as possibilidades terapêuticas actuais.

Se a patogenia da Colestase continua envolta em imensas dúvidas o diagnóstico diferencial dos Síndromas Colestáticos foi objecto de avanços consideráveis nos últimos anos. Trata-se, além disso, de situação extremamente frequente e importante na Medicina Interna.

A atitude clássica em face de um Síndrome Colestático de etiologia duvidosa seria, após o uso de Biopsia Hepática, aguardar 4 a 6 semanas e, se a dúvida persistisse, proceder a uma laparotomia exploradora (e, eventualmente, terapêutica). A introdução de novas técnicas, nomeadamente a Ultrasonografia e Colangiografias directas, quer por via percutânea transhepática quer por via endoscópica retrógrada, alterou completamente o quadro e permite hoje uma certeza diagnóstica em cerca de cem por cento dos casos.

A larga experiência destas técnicas nos 2 países da Península Ibérica impõe a necessidade de *fazer o ponto* da situação, não só em termos de definir com clareza a sua ordenação mais correcta na marcha geral do diagnóstico, para os vários tipos de casos, bem como a análise crítica dos riscos e custos.

Por estas razões pareceu oportuno escolher-se o tema *Diagnóstico da Colestase* para início dos Colóquios Luso-Espanhóis de Gastroenterologia.

Tecnologia cada vez mais complexa tem *invadido* a Gastroenterologia nas últimas duas décadas. Este facto é muito evidente no assunto que nos interessa — o Diagnóstico da Colestase. Começam a erguer-se vozes, nos 2 lados do Atlântico, sobre os perigos desta invasão tecnológica e as desvirtuações a que pode conduzir uma atitude tecnocrática extrema. Não se trata de menosprezar a tecnologia e insistir em pensamentos clínicos ou filosóficos ultrapassados, mas sim de colocar as técnicas numa perspectiva que sirva o doente da melhor maneira. Estes pensamentos têm repercussões educacionais e assistenciais directas, que gostaríamos fossem repensadas no fim do nosso dia, na Mesa Redonda desta tarde.

Tecnologia significa investimentos financeiros e treino. Também aqui, em período de inflação permanente, os raciocínios e atitudes dos médicos devem ser repensados em termos de custos versus benefícios, e em termos de saber quem, como e quando educar. Estes são outros dois temas que obrigatoriamente teremos que retomar no balanço final do dia.

Como Presidente deste colóquio apresento publicamente cumprimentos de Boas Vindas aos nossos 11 Colegas Espanhóis que vêm partilhar connosco estes dois dias de discussão.

Em segundo lugar, quero fazer desde já uma menção especial à Smith Kline & French Espanhola que apadrinou desde o início esta ideia e iniciativa, e às S.K.F. espanhola e portuguesa que a apoiam inteiramente. O projecto ambicioso a que a S.K.F. se abalança envolve a realização anual de 2 colóquios, alternadamente em Espanha e Portugal, sobre variados temas da Gastroenterologia.

Cumpre-me também referir a amável cedência destas instalações pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e o pronto patrocínio concedido pela Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia.

J. Pinto Correia